

Álvaro Seiça*

Contra a extinção na terra

(leitura — east hastings de GY!BE ou night de ludovico einaudi ou)

e já as árvores secarem e erodirem
e os glaciares derreterem e remarcarem os solos
e a reforma das superfícies apagando a geometria humana
nos longos estuários secos e abertos em leque
e as cordilheiras rugosas em anfiteatro
torneadas por bravos cumes longilíneos
como caudas de raposa a pousarem sobre os veios lentos
e luminosos do leito onde já houve um rio e muitos afluentes
e o redesvio do deserto a alastrar-se voraz
pela terra iriada onde já houve cruzamentos
e autoestradas sistemáticas carros formigantes e espessos aeroportos
portos acesos por contentores triunfais e pessoas
em desespero construindo mais uma pirâmide

lá em baixo naquele planeta árido
já houve poesia trocada a beijos — os rostos silvados a prazer
pessoas a desfolhar-se em risos amplos sobre a noite bêbeda
uma tosse primitiva e os peitos rachados por contrabaixos
já houve garfadas tenebrosas com malagueta e mel
cobertores estendidos sobre a praia as cabeças carecas ao vento

uma clavícula roubando um olhar e um ombro nu sem carícia
crianças a nascerem aos berros árvores fluorescentes
colibris bebendo só de coloridas flores
e lagos de agrião salpicados de ouriços
já houve saxofones vibrando contra as ondas da manhã
uvas maduras espremidas contra o palato
cartas escritas por debaixo da mesa de metal
corpos rebolando pelas brasas de uma gruta
oliveiras cruas morangos gostosos e figos debicados
já houve cabelos negros esbranquiçando abraços e filhas
e filhos muitas filhas aos saltos começando a falar
já houve nozes quebradas dentro de um veleiro de sol dulcíssimo
palavras irrepetíveis encostadas a um ouvido
esquilos frenéticos rolando sobre abacates

pessoas imitando pinguins — um parceiro para sempre
já houve passeios demorados pelos arbustos das falésias
e cegonhas antiquíssimas entornando cana no café
já houve ríspidas frases sobre o acento de um nome
já houve livros na neve carentes de um leitor
já houve danças concêntricas com suor e batuques
películas de orvalho entoadas sobre os nossos pés
algas salgadas e líquenes claros como as manhãs
já houve sobremesas — crianças trepadeiras
e raízes suspensas nas retinas em fogo

lá em baixo naquele planeta já houve
a tua cara e a minha frente a frente salivando

lá em baixo naquele planeta árido
(pensa nisso)

já houve vida e muito amor

NOTA

* Álvaro Seiça é um escritor e investigador português residente na Noruega. Os seus livros incluem *Onda desobediente* (2024), *Supressão* (2019), *Upoesia* (2019), *Previsão para 365 poemas* (2018), *Ensinando o espaço* (2017), *Ö* (2014) e *Permafrost* (2012). Comissariou o festival “Erase!” (2021) e coordenou a coleção de 25 volumes “Biblioteca da Censura” (2022-24). Cooordenou a exposição e catálogo *Obras Proibidas e Censuradas no Estado Novo* (2022) na Biblioteca Nacional de Portugal. Website: <https://alvaroseica.net>

Este poema faz parte integrante do livro *Onda Desobediente*, de Álvaro Seiça (Não Edições, 2024), e é aqui publicado por cortesia do autor. Mais informações em: <https://naoedicoes.tumblr.com>